



PARA ALÉM DO *USO* DO CINEMA NA EDUCAÇÃO: RELATO DE METODOLOGIA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM ALUNOS DO 8º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rogério Bettoni*

Resumo – Este artigo trata da importância do uso do cinema no ensino e do desenvolvimento de metodologias que unam efetivamente teoria e prática na formação crítica dos alunos em relação à imagem, tão negligenciada na educação por conta de uma supervalorização das letras. Apresentamos um método de trabalho interdisciplinar pensando na educação *com, para e sobre* o cinema. A metodologia de trabalho foi sendo construída à medida que o projeto se realizava, a partir do *feedback* dos alunos e tendo como base as necessidades manifestas dos adolescentes. Concluímos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) não fornecem nenhuma base sólida para o uso do cinema em sala de aula e que a educação pelo cinema é um referencial fortíssimo para a formação crítica de nossos cidadãos.

Palavras-chave: educação, cinema, videoclipe, metodologia, projeto educacional.

INTRODUÇÃO

O problema para nós não é: "Nossos desejos estão ou não satisfeitos?". O problema é: "Como sabemos o que desejamos?". Não há nada espontâneo, nada natural no desejo humano. Nossos desejos são artificiais. Devemos ser "ensinados" a desejar.

O cinema é a mais perversa das artes. Ele não lhe dá o que você deseja. Ele lhe diz como desejar. [...] Isso é arte cinematográfica em sua forma mais pura. [...] Se tirarmos da realidade as ficções simbólicas que a regulam, perderemos a própria realidade (THE PERVERT'S..., 2006).

Não há como negar o óbvio: o homem contemporâneo é dominado pelas imagens. Não é à toa que escolho como epígrafe um trecho do início do documentário *The pervert's guide to cinema* (2006), escrito e narrado por Slavoj Žižek, o qual tem uma visão muito peculiar sobre

* Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e pós-graduado em Tradução pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Filosofia e Artes e tradutor profissional para editoras brasileiras.

o cinema moderno, e seu pensamento característico acerca da relação entre realidade e ficção expressa nas imagens serve como base para a presente ocupação. Ao reinterpretar a famosa tese de Lacan, "A verdade tem a estrutura de uma ficção", Žižek (2010, p. 44) nos diz dos fundamentos de "perceber não a realidade por trás da ilusão, mas a realidade contida na própria ilusão" (THE PERVERT'S..., 2006).

Se nosso desejo é artificial e moldado pelo conhecimento sensível que temos da realidade, não podemos subestimar o poder que a imagem tem na formação do ser humano contemporâneo. Vivendo na era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1987), que começou com o advento da fotografia, observamos uma disseminação cada vez maior da obra de arte em todos os segmentos da sociedade: as obras de arte, em especial o cinema, são reproduzidas e passam a ser acessíveis a um grande número de espectadores. Benjamin (1987, p. 194-195) afirma o cinema como obra de arte e encara a reprodutibilidade como a oportunidade de o ser humano se ver retratado de uma maneira jamais exposta por outro meio imagético, pois, afinal de contas, agora "a massa vê seu próprio rosto". Adorno e Horkheimer (1997), por sua vez, falam do cinema em termos de "indústria cultural", ou seja, a técnica é a responsável pela perda de identidade da arte, que transforma a obra em um objeto comercial, massificante, dominado por uma elite manipuladora e, por essa razão, capaz de influenciar o espectador, moldando seu senso crítico.

Contextualizado dessa maneira, é possível dizer que o cinema transformou o modo de criação artística e a forma como as pessoas percebem a arte e a realidade. Ao verem o seu semelhante projetado na tela, em corpo e voz, elas se identificam de uma maneira sem comparativos antes da imagem em movimento. Ao interagirem com o que se passa na tela, as pessoas constroem visões de mundo, esboçam as mais diversas sensações, adquirem valores e crenças e ainda reforçam ou reveem os preconceitos que têm. Dessa forma, o poder educativo do cinema como arte universal é proporcional ao seu poder de massificar e manipular como produto de uma indústria cultural.

Ora, se a reprodutibilidade permitiu que a arte atingisse um número maior de pessoas e se a indústria cultural é responsável pela difusão de "ideologias" e pela transformação da arte em produto, é possível dizer que a propagação do cinema e de outras formas de arte "comercial", como a música *pop*, começou a atingir todos os segmentos da sociedade, paulatinamente, com o advento da TV, do vídeo e, mais recentemente, da internet. Desnecessário dizer, no entanto, que a aceitação do cinema pelo público só se dá por meio da representação que esse meio faz da realidade, bem como pela significação que dá a essa realidade.

O cinema, por sua natureza diversa, é capaz de produzir significados de inúmeras formas. A significação do que é exposto nas imagens depende de como os elementos do que chamamos de "linguagem cinematográfica" são combinados no processo fílmico, desde a elaboração do roteiro, passando pelas filmagens até a montagem e edição final. Entre os principais elementos, citamos os movimentos de câmera, a trilha sonora, os tipos de enquadramento,

a cor, a ordem dos acontecimentos, o encadeamento da sequência, entre outros. Diferentes combinações desses elementos numa mesma cena produzem diferentes reações e interpretações por parte do espectador, bem como diferentes representações da realidade.

O efeito de realidade gerado pelo cinema, por se tratar de uma imagem em movimento aliada ao som (percepção espaçotemporal)¹, é incomparável ao efeito de realidade provocado por outros modos de representação, pois é somente nos registros feitos pelo cinema e pelo vídeo que o tempo é totalmente representável. Nesse sentido é que se fala do cinema como arte do tempo e do espaço (AUMONT; MARIE, 2003)², como arte manipuladora do tempo e do espaço através da imagem, considerada aqui como a representação de algo criado ou mostrado anteriormente, imagem como manifestação visível de intenções e significados.

Complementando a fala de Žižek (2010) exposta no início do texto a respeito do cinema como representação da realidade dentro da ficção, podemos dizer que é precisamente por causa dessa relação indissociável que o sujeito se identifica com o que vê projetado na tela: de um lado, há os realizadores e o desejo de atingir, independentemente de fatores ideológicos, o público que assiste às imagens; de outro, há o espectador como sujeito do processo que vê na tela um reflexo dos seus desejos, podendo ou não ser influenciado pelo que vê.

De acordo com Robson Loureiro e Sandra Soares Della Fonte (2003, p. 80), seguindo o raciocínio de Régis Debray, a relação do espectador moderno com os registros da imagem em movimento se dá da seguinte maneira: "a linguagem imagética ganha espaço na forma de o indivíduo perceber a realidade no mundo contemporâneo e, com o crescente desenvolvimento dos meios imagético-eletrônicos, [na forma de] a vida aparecer como algo para ser visto". O poder da imagem na contemporaneidade e na formação do indivíduo é tão forte que o mundo só adquire o *status* de verdadeiro a partir daquilo que se vê, ao passo que o próprio indivíduo só se sente parte do mundo em que vive quando se percebe visto pelo outro. No mundo dominado pela imagem, tornamo-nos um elemento estético.

Vários educadores e pesquisadores já tratam há algum tempo da importância de considerarmos mais seriamente o ensino do cinema nas escolas, bem como o estudo do cinema por parte dos professores. Klammer et al. (2006) defendem uma ampliação do uso do cine-

1 – O ser humano, como ser consciente, intui o tempo e o espaço como algo interno e externo a ele, respectivamente. O tempo só pode ser intuído internamente, não é apreendido na realidade externa e visível das coisas; é irreversível, possui apenas uma única direção evolutiva e não é passivo de qualquer deslocamento, mas é o que fundamenta o espaço. O espaço, por sua vez, é intuído pelo sujeito como algo externo a ele e responsável pela disposição de todas as coisas; é passivo de apreensões, e sua distribuição ordenada, que lhe confere várias dimensões e direções, permite que o sujeito nele se desloque. Tempo e espaço caminham juntos, sendo o espaço passivo das ações do tempo. Nesse sentido, podemos dizer que a imagem é percebida no espaço, e o som, no tempo. Para uma maior elucidação da definição de tempo, espaço e percepção espaçotemporal, ver Immanuel Kant (1997, p. 61-87).

2 – Jacques Aumont e Michel Marie (2003) apontam seis abordagens teóricas e intercambiáveis do cinema: como reprodução ou substituto do olhar, como arte, como linguagem, como escritura, como modo de pensamento e como produção de afetos e simbolização do desejo.

ma em sala de aula a partir de uma pesquisa sobre como ele é utilizado nas escolas e de que maneira o professor se serve desse recurso. Fabri (2008) aponta como a análise de filmes pode ser útil na educação e compara os aspectos educacionais da filmografia brasileira à hollywoodiana. Felipe (2006) define os diversos modos de representação do cinema como tecnologia formadora e teórica, mas concentra sua pesquisa apenas na sua aplicação no ensino de História. Fischer (2009) parte da obra *Hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault (2004), para analisar três filmes e relacioná-los à formação ética e estética de professores. A partir das noções de imaginário e representação social, Oliveira (2006) analisa o uso do cinema como material didático na educação científica e sua importância para a história da ciência.

Monica Fantin (2006), em seu artigo "Mídia-educação, cinema e produção audiovisual na escola", parte de uma interessante revisão bibliográfica para defender a necessidade de uma educação que vá além do ensino com o cinema e abarque a produção dos alunos. Segundo Fantin (2006, p. 8-9), ao ampliarmos as possibilidades de participação dos alunos no sentido da autoria, estaríamos promovendo uma educação "com os meios (usando o cinema e os filmes em contextos de fruição), sobre os meios (leitura crítica através da análise cinematográfica) e através dos meios (produzindo audiovisual, fotografia, roteiros)". Embora não tenhamos nos baseado nas ideias da autora para o desenvolvimento da metodologia que aqui propomos, partilhamos das conclusões de sua pesquisa quando cita os elementos que devem servir de fundamento para a educação audiovisual dos alunos, apesar de não apresentar nenhuma metodologia específica ou uma experiência concreta em sala de aula.

Rosália Duarte (2002, p. 17) afirma que "ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais". Milton José Almeida (1994, p. 8), também sem desconsiderar a importância do texto escrito, aponta que a grande maioria da sociedade contemporânea é educada predominantemente pela televisão e pelo cinema. A isso acrescento o poder de difusão da informação pela internet, sem dúvida a nossa maior fonte de consulta de informações, além de ser o ambiente gerador de entretenimento para os jovens e mediador das relações humanas por intermédio das redes sociais, da troca de *e-mails* e de mensagens instantâneas. Partindo do princípio de que a educação se dá fundamentalmente por meio de um híbrido de escola, família, instituições, mídia e todos os ambientes nos quais se possam estabelecer relações diretas e indiretas entre os indivíduos, e de que hoje não há como dissociar esses meios dos avanços da tecnologia e da onipresença da imagem, não há como desconsiderar a predominante função educativa do audiovisual como meio de transmissão e propagação de valores, crenças, juízos e todos os tipos de conhecimento.

Tendo em vista todas as questões expostas até agora e lembrando a influência dos meios audiovisuais na formação dos indivíduos, defendo a importância de estudar o cinema da mesma maneira que se estuda literatura, ou seja, como meio de expressão artística e estética, como modo de expressão verbal, como linguagem. O audiovisual não deve ser usado nas escolas apenas como um recurso para elucidar temas específicos nas disciplinas, mas tam-

bém como experiência instauradora de sentido, como modo de expressão de si, como instrumento de comunicação, como meio de obter conhecimentos, ou seja, é preciso encarar o cinema como fonte de informação e formação humana.

Como professor de filosofia com formação complementar em artes visuais, mais especificamente em cinema e vídeo, elaborei um projeto inserido na área que chamo aqui de mídia-educação. Ao perceber uma carência na forma como os alunos lidam com a imagem, com o cinema, com os recursos tecnológicos à mão e com o audiovisual, decidi realizar um projeto que ampliasse o conhecimento dos alunos em relação às imagens como um todo, bem como colaborasse no desenvolvimento do senso crítico dos alunos para com as imagens que os cercam cotidianamente. Ao colocar os alunos em contato com a história do cinema, seus modos de realização, sua relação com outros meios artísticos (principalmente o videoclipe) e conceitos básicos, eles aprenderiam a "ver o cinema vendo", conferindo sentido à experiência audiovisual ao usarem a realidade imagética, imposta na ficção, como algo que nos ajuda a compreender nossos desejos e a ampliar nossos conhecimentos e nossa visão de mundo. Além disso, ao realizarem suas próprias obras audiovisuais, os alunos teriam a oportunidade de colocar em prática o conhecimento adquirido no decorrer do projeto, além de ampliarem sua relação com a imagem no próprio fazer.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar uma metodologia de trabalho educacional utilizada com alunos de 7ª e 8ª séries (atuais 8º e 9º anos) do ensino fundamental durante a realização de um projeto interdisciplinar de artes visuais e filosofia pensando com, para e sobre o cinema.

OS PCN

No Brasil, os ensinos fundamental e médio das escolas públicas e privadas têm como principal referência educacional as diretrizes elaboradas pelo governo federal e reunidas no que chamamos de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Publicados em 1997, os PCN são divididos por disciplinas e apresentados em três níveis: ensinos fundamental I, fundamental II e médio.

De modo geral, ao elaborarem um projeto de trabalho, os professores dos ensinos fundamental e médio buscam uma identidade de conteúdo com os temas e as formas de trabalho sugeridos nos PCN. No presente caso, tomamos como base para análise o volume introdutório do ensino fundamental (BRASIL, 1998a) e o volume específico de artes (BRASIL, 1998b). Vejamos o que é dito sobre o cinema e as artes visuais nesses dois volumes.

O volume introdutório (BRASIL, 1998a, p. 55-56) elucida alguns objetivos gerais do ensino fundamental separados em dez tópicos, como o conhecimento geral da cultura e da história, a compreensão da cidadania como participação social e política, o entendimento de si como parte integrante do ambiente, o desenvolvimento da percepção e do conhecimento de si, a

valorização de hábitos saudáveis e o posicionamento crítico nas diferentes situações sociais. Destacamos três objetivos específicos que, para serem atingidos, dependeriam, em grande medida, da utilização de recursos audiovisuais. Ao final do curso, de acordo com o texto, os alunos devem ser capazes de:

- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 1998a, p. 55-56).

Há ainda um desses objetivos que merece destaque, relacionado ao uso da linguagem:

- utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998a, p. 55-56).

Sabemos que uma das melhores formas de colocar os alunos em contato com a pluralidade do patrimônio cultural brasileiro e de outros povos é por meio do audiovisual. O professor pode utilizar uma gama ampla de filmes para elucidar aspectos culturais, costumes, valores e crenças que ampliem o conhecimento dos alunos, bem como para reforçar a necessidade do respeito às diferenças e do repúdio a qualquer forma de discriminação. Há diversas pesquisas que apontam como o cinema pode ser usado de maneira positiva para ampliar a visão de mundo dos alunos, a reflexão sobre os próprios valores e a mudança de posicionamento em relação a questões polêmicas e geradoras de preconceito, além de desenvolver o senso crítico e a capacidade argumentativa do aluno³. Por mais que tenhamos conhecimento de que a cultura imagética está presente em nossa sociedade numa escala bem maior que a cultura escrita, não vemos nenhum aspecto relacionado ao audiovisual citado nos objetivos

3 – Uma dessas pesquisas pode ser encontrada no livro de Roseli Pereira Silva (2007), *Cinema e educação*. Nessa obra, a autora mostra os resultados de uma pesquisa extensa feita com adolescentes sobre a construção de valores na escola por meio do cinema. A pesquisa foi realizada tendo como base uma roda de piadas feita com os alunos sobre três grupos discriminados: negros, gays e mulheres. Depois de exibir filmes e discutir com os alunos, observou-se, por meio de relatos, uma grande mudança na postura e na visão dos alunos em relação a esses grupos.

dos PCN, principalmente naquele que fala das diferentes linguagens e modos de expressão. Considerando o texto como um todo, percebemos que a palavra cinema é citada somente duas vezes (nas páginas 38 e 95), e no sentido estrito de espaço físico destinado à exibição de filmes. Já as palavras "vídeo" e "audiovisual" aparecem pouquíssimas vezes, sempre citadas no meio de outros recursos complementares ou secundários à aprendizagem.

Numa seção intitulada "A contribuição das diferentes áreas do conhecimento" (BRASIL, 1998a, p. 57), o texto cita o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases, que regula, entre outras coisas, o currículo geral das escolas no Brasil. O artigo cita as disciplinas consideradas obrigatórias na educação básica, como língua portuguesa, matemática e outras, e afirma que "o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". Depois, ao explicitar cada uma das disciplinas tidas como obrigatórias, o texto coloca como objetivo geral dos PCN de artes "levar as artes visuais, a dança, a música e o teatro para serem aprendidos na escola", sublinhando que essa área do conhecimento "requer espaço e constância, como todas as áreas do currículo escolar" (BRASIL, 1998b, p. 63). O cinema, nesse caso, estaria inserido no campo das artes visuais, embora não seja citado especificamente.

O curioso é perceber que o vídeo é citado como um recurso didático (BRASIL, 1998a, p. 96) fortíssimo para reforçar o ensino-aprendizagem por ser um meio que "envolve os jovens", mas não é feito nenhum comentário mais aprofundado de como utilizar esse recurso em sala de aula. O texto dedica um tópico específico ao uso do videocassete (BRASIL, 1998a, p. 143) como objeto de armazenamento e reprodução de imagens, e salienta a importância do uso do vídeo para ilustrar temas específicos dentro de determinadas disciplinas, como a compreensão de períodos históricos, ou ainda para "criar um ambiente de aprendizagem em que os alunos possam observar, analisar, comparar, questionar, inferir uma série de questões sobre assuntos diversos. [As imagens audiovisuais] permitem uma aprendizagem mais contextualizada e significativa" (BRASIL, 1998a, p. 143-144). A linguagem do audiovisual é citada superficialmente no texto, inserida em um parágrafo que especifica o uso de uma filmadora como recurso didático. A câmera fotográfica e o computador são citados dentro do mesmo contexto como um recurso auxiliar, incluídos no mesmo grupo de "meios eletrônicos" como a calculadora, o gravador, o rádio, a televisão. Nesse sentido, além de percebermos um abismo entre a colocação do audiovisual como um meio importantíssimo no ensino-aprendizado e a carência de objetivos centralizados no uso daquele, bem como a falta de subsídios ou diretrizes para o auxílio do profissional de educação, notamos um anacronismo do texto, redigido no final da década de 1990, em relação às novas tecnologias e ao uso da internet, que são recursos predominantemente audiovisuais.

Na esperança de que o cinema e o vídeo tivessem a devida importância nos PCN, recorremos ao volume específico de artes (BRASIL, 1998b). Nos objetivos gerais, fala-se de quatro procedimentos artísticos que permeiam todas as diretrizes do programa: artes visuais, dança, música e teatro. Cada um desses procedimentos é trabalhado em uma seção própria, e a de

artes visuais, que nos interessa especificamente, cita as formas tradicionais como pertencentes ao seu grupo, como pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, entre outras, e engloba o que chama de modalidades resultantes da tecnologia e das transformações estéticas do século XX, como fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, *performance*, holografia, desenho industrial, arte em computador (BRASIL, 1998b, p. 63).

Por ser considerada a "arte do tempo e do espaço" e por englobar todas as outras modalidades artísticas – característica ligada basicamente ao fato de ser feito com imagens em movimento que reproduzem o real –, nada melhor que o cinema para ser usado como exemplo das manifestações visuais que geram "a necessidade de uma educação para saber ver e perceber, distinguindo sentimentos, sensações, idéias e qualidades contidas nas formas e nos ambientes" (BRASIL, 1998b, p. 63). Os PCN falam nitidamente da incorporação das artes visuais na escola como fundamento de "compreensões mais amplas sobre conceitos acerca do mundo e de posicionamentos críticos".

O texto traz uma lista de coisas que os jovens devem aprender com o estudo de artes na escola, uma lista de itens gerais e nenhum relacionado especificamente às artes do vídeo. Logo depois, há os objetivos gerais de cada procedimento artístico. Embora os objetivos do ensino de artes visuais possam todos ser realizados por meio, principalmente, do cinema e do vídeo, o recurso audiovisual é citado em apenas um objetivo: "interagir com variedade de materiais naturais e fabricados, multimeios (computador, vídeo, holografia, cinema, fotografia), percebendo, analisando e produzindo trabalhos de arte" (BRASIL, 1998b, p. 65). Há ainda dois tópicos específicos dos "conteúdos de artes visuais" e da "apreciação significativa em artes visuais", que repetem a mesma estrutura já observada: o cinema e o vídeo são colocados junto com uma miscelânea de outros recursos. A palavra cinema, por exemplo, é citada quatro vezes em todo o texto: duas como modalidade artística, uma como produto e uma como produção artística.

Como superar essa contradição nitidamente visível nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que destacam a importância do audiovisual na contemporaneidade como um elemento fundamental na formação do indivíduo, porém lhe atribui um papel secundário tanto por considerá-lo apenas um recurso entre tantos outros quanto por não fornecer diretrizes ou orientações de peso para a utilização do cinema em sala de aula? Como despertar o senso crítico dos alunos para que interpretem as imagens que são bombardeadas diariamente? De que forma a escola contribui para que as crianças atribuam significado às imagens que veem, e que tipo de representação audiovisual utilizar para que os alunos construam conhecimento a partir do que veem e produzem?

O PROJETO

O projeto relatado aqui foi realizado num período de três meses e meio dentro da disciplina artes com alunos das 7ª e 8ª séries (atuais 8º e 9º anos) do ensino fundamental do Colégio

Efigênia Vidigal, em Belo Horizonte⁴. Trata-se de uma escola laica, de classe média alta e que atende alunos desde a educação básica até o 3º ano do ensino médio. Ao utilizar o audiovisual como recurso para ilustrar minhas aulas de filosofia, diagnostiquei uma carência extrema na forma como os alunos se apropriavam do que viam, bem como interpretavam as imagens e as relacionavam ao conteúdo exposto nas aulas teóricas. A partir disso, comecei a pensar num projeto que ajudasse a educar os alunos com, para e sobre cinema.

A disponibilidade de tempo para a realização do projeto foi de 14 aulas de 50 minutos cada, uma por semana, ministradas em três turmas de 7ª série e duas turmas de 8ª série com uma média de 25 a 32 alunos por turma, totalizando 140 alunos. Como não havia uma metodologia predefinida, procurei desenvolvê-la junto com os alunos no decorrer das aulas a partir de alguns objetivos iniciais, e tendo como ponto de referência a realidade dos alunos e o *feedback* dado por eles.

Em um primeiro momento, procurei diagnosticar qual era a relação dos alunos com a imagem e com os meios tecnológicos usados por eles cotidianamente. Um questionário com várias perguntas foi distribuído para os alunos, das quais se destacam:

- O que é cinema?
- O que é vídeo?
- Com que frequência você assiste a filmes e vídeos e onde?
- Quais são os seus filmes prediletos?
- Existe alguma relação entre o cinema e a fotografia?

De modo geral, percebemos que os alunos encaram o cinema como um meio de entretenimento, seja definido como o filme propriamente dito ou como o espaço para a exibição de filmes. Ainda que definido como modalidade artística para algumas crianças, o discurso geral era permeado pelo senso de aventura e diversão, como podemos perceber no depoimento de dois alunos que tomamos como representativos da amostra: "Cinema pra mim é o lugar que vemos filmes divertidos, me entretenho [sic] muito com meus pais, sempre passa todos os filmes que gosto e me divirto bastante antes de ver na TV" (aluno de 12 anos, 7ª série) e "Cinema pra mim é entretenimento e arte" (aluna de 13 anos, 8ª série). A grande maioria das crianças respondeu que tem o costume de assistir a filmes na televisão ou em DVDs, e ainda observamos alguns relatos de alunos que nunca haviam ido ao cinema. O vídeo, por sua vez, também estava mais relacionado ao entretenimento, e observamos um número significativo de alunos que o relacionou aos videoclipes, citando a MTV como veículo e o *site* YouTube. Os

4 – O projeto, sob o nome de "Imagens no tempo", foi um dos ganhadores do Prêmio Educador Nota 10 em 2007, promovido pela Fundação Victor Civita, em parceria com a revista *Nova Escola*, da Editora Abril. O projeto concorreu com mais de 3.500 inscritos e foi o único selecionado de Belo Horizonte, bem como o único, entre os premiados, proveniente de uma instituição privada. Para um relato em vídeo do projeto, produzido pela TV Cultura, acessar <http://tinyurl.com/victorcivitabettoni>.

filmes prediletos citados permeavam, em sua grande maioria, o gênero aventura, como *Harry Potter*, *Senhor dos anéis* e *Homem-aranha*, e os gêneros aventura, terror, ação e comédia. Desnecessário dizer que a maioria avassaladora dos filmes citados pertence a superproduções norte-americanas. Pouquíssimos alunos conseguiram estabelecer uma relação significativa do cinema com a fotografia, e apenas cinco alunos afirmaram ser o cinema composto de fotografias em movimento. Percebemos que os filmes prediletos citados pelos alunos coincidiram bastante com os últimos filmes que viram.

Com esse levantamento inicial, pudemos traçar alguns objetivos básicos que serviriam de base para a elaboração da metodologia do projeto. Havia a necessidade clara de levar aos alunos o conhecimento de que o cinema surgiu a partir da fotografia como imagens em preto e branco e se desenvolveu ao longo do século, dando origem a outros modos de expressão, como o videoclipe, o videoarte e o advento da televisão. A partir disso, seria preciso que os alunos entendessem a importância histórico-cultural do audiovisual na cultura moderna e que compreendessem de que maneira grande parte de sua formação como indivíduos se dava a partir da imagem. A riqueza do cinema e do audiovisual deveria ser destacada a partir de discussões mediadas que demonstrassem as diversas possibilidades de interpretação de uma mesma obra. Não poderíamos deixar de fora os processos necessários para a realização de um filme, desde a elaboração do roteiro até a sua finalização e distribuição, bem como conhecimentos elementares de estética da imagem e conceitos técnicos e teóricos que ajudassem os alunos a compreender o audiovisual como linguagem e os orientassem para a elaboração de vídeos lógico-narrativos. Por fim, os alunos precisariam perceber que a intuição e a sensibilização artísticas são fundamentais para qualquer tipo de filmagem e fotografia, ainda que amadoras, e que encarassem o cinema como fonte de conhecimento e uma prática social tão importante quanto outras formas de expressão humana. Além disso, tornava-se necessária uma ressignificação dos meios tecnológicos usados pelos alunos cotidianamente, como os telefones celulares. Tratava-se, portanto, de mudar a visão e a postura dos alunos quanto a um meio de expressão considerado pela grande maioria como puro entretenimento, e promover a coletividade por meio de produções audiovisuais.

Mas como desenvolver um projeto tão ambicioso dentro de um limite tão curto de aulas? A solução se deu pela interdisciplinaridade: utilizar videocliques narrativos, que tivessem uma relação direta com o cinema, para exemplificar aspectos teóricos, e levar as discussões temáticas e interpretativas para as aulas de filosofia, além de contar com conhecimentos de outras disciplinas para enriquecer o conteúdo das aulas. Os alunos realizariam atividades práticas durante todo o projeto para reforçar o que aprendiam nas aulas expositivas, e as avaliações, escritas e práticas, seriam realizadas durante o aprendizado, à medida que os alunos interagem com os conteúdos e modificavam sua visão prévia acerca do que aprendiam, e também ao término das atividades, para investigar como o aprendizado se deu e o que foi apreendido pelos alunos.

Tudo começou, portanto, com uma aula expositiva sobre teoria e história da fotografia. Depois os alunos tiveram de criar fotografias da maneira mais rústica: confeccionaram uma *pinhole*⁵, carregaram com papel fotográfico e pensaram em imagens conceituais, que tivessem algo a transmitir, que não fossem gratuitas, e que também brincassem com elementos de composição, como a sobreposição de imagens. Montei um pequeno laboratório na escola para que todos tivessem a oportunidade de revelar suas próprias fotos e tivessem contato com o elemento-surpresa e a magia da imagem surgindo aos poucos no papel. De fotografias em mãos, promovemos uma discussão na aula de filosofia, pautada pela percepção sensível e pela questão do olhar, levando os alunos sempre a reinterpretar as imagens que criaram, tendo em vista que, na fotografia feita com uma *pinhole*, não há como prever o resultado final. Dessa forma, os alunos também refletiram sobre o seu próprio fazer e sobre as diversas possibilidades de ver as imagens reveladas. A atividade culminou numa pequena exposição das fotografias no *site* da escola, bem como num painel montado no corredor das salas de aula.

Depois de serem estimulados pela percepção de que há muitos significados ocultos na aparência simples das imagens, os alunos tiveram aulas introdutórias sobre o surgimento do cinema e o seu desenvolvimento em outras mídias, como o videoclipe. Depois de assistirem a filmes realizados nos primórdios do cinema por figuras como os irmãos Lumière e Georges Méliès, videoclipes eram exibidos para fazer contrapontos e exemplificar o desenvolvimento de novas linguagens. O vídeo *Tonight tonight* (1996), do Smashing Pumpkins, por exemplo, foi exibido para que os alunos fizessem um contraponto com *Viagem à Lua* (1990), de Méliès, pois aquele é uma refilmagem deste. O videoclipe *Ela disse adeus* (1998), do grupo Paralamas do Sucesso, foi exibido para exemplificar as tragicomédias do cinema mudo.

A experiência dos alunos com a imagem também foi levada a caminhos inusitados. Os dois videoclipes citados, por exemplo, foram exibidos primeiro sem nenhum som, e os alunos discutiram o que entenderam da narrativa. Depois, eles leram as letras das músicas, discutiram mais uma vez e reviram o vídeo, dessa vez com som. Ao término da segunda exibição, os alunos redigiram um pequeno texto falando sobre o que entenderam dos vídeos mudos e se sua interpretação mudou ou teve algum acréscimo depois de reverem os vídeos com a música. A grande maioria dos alunos relatou que o ritmo da música e a letra contribuíram para a construção de novos significados. Por exemplo:

O videoclipe dos Paralamas do Sucesso é tipo um filme mudo, parece antigo. Quando vi a primeira vez sem escutar o som, achei que a mulher era prostituta e matava os homens, mas depois que vi com a música entendi que ela teve três maridos e os matou porque eles maltratavam ela (aluno da 8ª série, 14 anos).

5 - Uma *pinhole*, literalmente "buraco da agulha", pode ser definida como uma câmera artesanal que reproduz os primórdios da fotografia. Sua forma mais difundida consiste numa lata com tampa, hermeticamente fechada, pintada por dentro de preto. Dentro da lata, coloca-se papel fotográfico virgem e há um pequeno orifício, feito com a ponta de uma agulha - daí *pinhole* -, para a entrada de luz e sensibilização do papel. Para maiores informações, conferir o Manual.

Primeiro a gente viu o vídeo da música *Tonight* sem nenhum som, e depois o filme mudo *Viagem à Lua*. Gostei mais do primeiro vídeo porque é colorido e achei o outro mais confuso. Depois a gente leu a tradução da música e viu de novo o vídeo com som, e consegui entender muito mais do videoclipe. Achei que parecia uma peça de teatro e que contava uma história de amor de pessoas que se amam e se protegem, antes eu achei que era só uma aventura até a lua e o fundo do mar (aluna da 8ª série, 14 anos).

À medida que os videoclipes eram exibidos, noções de gênero e linguagem cinematográfica, como cor, ângulos de filmagem, tipos de enquadramento, planos, posicionamento da câmera, velocidade de reprodução da imagem, texto, som, trilha sonora, luz, montagem, edição, sequência etc. eram expostos para os alunos, sempre em consonância com os vídeos exibidos. Nessa etapa do projeto, o videoclipe *Leave before the light come on* (2006), da banda inglesa Arctic Monkeys, foi fundamental: a partir dele, os alunos discutiram alguns desses elementos, principalmente a composição de cor (o filtro da imagem muda de acordo com a perspectiva do personagem) e o encadeamento lógico da sequência de imagens.

O estudo da linguagem do cinema culminou com a exibição do filme *Corra, Lola, corra*, do alemão Tom Tykver, premiado em diversos festivais e bem elogiado pela crítica. Antes de ser exibido, procurei contextualizar o filme com informações sobre o diretor, a trilha sonora, o lançamento, a crítica, a língua, o país de origem e os prêmios recebidos. O filme é composto por diferentes estilos de imagens e linguagens, como animação, cenas gravadas com câmeras VHS, sequências elaboradas com fotografias, narrativa de tempo circular, e é bastante dinâmico no que se refere aos planos e enquadramentos. Os alunos, portanto, tiveram de escrever uma análise falando das características do filme (como a trilha sonora eletrônica, bastante envolvente e que perpassa o filme todo inteiro, conferindo-lhe um aspecto de videoclipe), dos aspectos técnicos, dos elementos de linguagem e dos significados da história. Realçando mais uma vez o caráter interdisciplinar do projeto, o filme foi discutido amplamente durante uma aula de filosofia, tendo como base a interpretação dos alunos para que fossem instigados a questionar o que viram.

A terceira fase do projeto foi caracterizada pela produção de obras audiovisuais pelos alunos. Para exercitar a criatividade deles e levá-los a uma resignificação dos meios tecnológicos usados por eles cotidianamente, os vídeos foram realizados com a técnica de *stop motion*. Grosso modo, essa técnica é a que serve de base para os filmes de animação. Depois de mostrar diversos vídeos de *stop motion* e de ensiná-los a técnica com fotografias tiradas em sala de aula, os alunos foram divididos em grupos de quatro pessoas, e cada grupo recebeu a tarefa de desenvolver uma ideia simples a partir de um tema qualquer, desde que houvesse uma sequência lógica com início, meio e fim. Sem a utilização de uma filmadora, os alunos tiveram que fazer um vídeo de 30 segundos, no mínimo, com fotografias retiradas com câmera digital, *webcams* ou principalmente com celulares. Dessa forma, assim como

nos filmes de animação, para cada segundo de vídeo, os alunos precisaram tirar uma média de 10 fotografias que posteriormente seriam editadas no computador em formato de vídeo.

O trabalho de edição foi realizado na escola junto com os alunos. Depois, os vídeos foram exibidos durante a aula de filosofia, e promovemos um debate sobre cada um dos vídeos realizados. Nessa conversa, os alunos puderam perceber o que acertaram e o que erraram, tecnicamente falando, além de trocarem conhecimentos e possibilidades de interpretar o que cada grupo quis mostrar com o seu trabalho. Posteriormente, os vídeos foram exibidos para a comunidade em uma pequena "mostra" dentro da semana cultural do colégio.

Embora estivesse inserido numa instituição privada, pensei na utilização de recursos básicos e acessíveis à maioria das pessoas. Contando com a interdisciplinaridade, percebi que muitos alunos já sabiam o que era uma "câmera escura", muito utilizada nas aulas de ciências para estudar a óptica e o olho humano, bem como já sabiam operar uma câmera fotográfica digital. É importante ressaltar que as etapas de realização do projeto são intercambiáveis e sugerem que os participantes tenham conhecimento de diversas áreas do conhecimento, como matemática, filosofia, história, português, ciências etc. Assim, acreditamos que, com a produção dos vídeos durante as aulas, os alunos têm a oportunidade de vivenciar e unificar conhecimentos de outras áreas, estabelecendo uma relação de dependência entre elas.

Promover uma educação pelo cinema, portanto, é potencializar o espectador como sujeito que pensa, reflete e vai além do que é visto. Só se aprende a ver cinema vendo. Mas diante da importância da imagem na nossa sociedade, é preciso ir além do ver e conferir sentido à experiência do cinema. Usar sua realidade, exposta na ficção, não como um modelo para a realização dos desejos, mas como algo que nos ajuda a compreender nossos desejos, a nos posicionarmos diante do mundo como seres críticos e pensantes, e não como meros espectadores do cinema, das imagens, das relações e do mundo. E os resultados da educação com, para e sobre o cinema são claros. Nas palavras de dois alunos entrevistados um ano depois da realização do projeto,

[...] ele não ensinou à gente só coisas teóricas, assim, ele ensinou partes técnicas que são importantes. A imagem que eles passam não é só aquilo ali, tem mais coisa embutida que você aprende a ver, você tem um senso crítico diferente. Tem nem comparação como a gente via filme antes e como a gente vê hoje, aqui na escola mesmo, quando a gente discute, sabe que tem mais parâmetro pra falar das coisas, questiona mais. Acho que nosso jeito de ver mudou com tudo, com todas as coisas, até o jeito de escutar (aluno do 1º ano do ensino médio, 15 anos).

Depois do projeto do professor, a gente conseguiu se concentrar mais nos filmes e prestar atenção em vários elementos que nem ligaríamos antes, como a ligação do que a gente vê

com outras coisas da nossa vida. Agora a gente pensa mais quando vê os filmes. Eu pelo menos consigo aprender mais com os filmes que vejo em outras matérias, tipo História (aluna da 8ª série, 14 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do projeto não era fazer um estudo profundo da história do cinema, nem mesmo levar à exaustão a prática cinematográfica. Queríamos, sim, proporcionar aos alunos um ambiente onde eles pudessem questionar, analisar, criticar e discutir acerca dos filmes e vídeos exibidos durante as aulas, e pudessem trazer sua própria experiência com obras audiovisuais para serem discutidas e analisadas em classe, com o grupo. Esperávamos, basicamente, que os alunos tivessem uma postura diferente e mais amadurecida em relação à imagem.

Tendo em vista a relação que o ser humano moderno tem com a imagem, esperávamos ter algum respaldo dos PCN que nos ajudasse a construir essa postura com os alunos. No entanto, o que encontramos nos Parâmetros Curriculares foi um texto datado e prosaico, sem nenhum aprofundamento em relação ao cinema e à sua interação com outros meios. Essa lacuna acabou se configurando como o ponto de partida para o desenvolvimento de um método que reforçasse os aspectos presentes de modo superficial nos PCN, atribuindo-lhes a devida importância na relação dos alunos com os meios audiovisuais.

Embora tenhamos um volume significativo de pesquisas no Brasil sobre o uso do cinema na educação, a definição de cinema dada por elas se repete exaustivamente: fala-se de filmes como difusores de costumes, de formas de vida e, conseqüentemente, do patrimônio cultural; como construtores de valores; como meios de expressão e formas de conhecimento; como arte; como diversão. Ao tocarmos nas possibilidades de uso do cinema que vão além do óbvio, percebemos, no entanto, a falta de construção de uma metodologia que trabalhe efetivamente o cinema em sala de aula aliado a outros meios e disciplinas que não a arte e a história, ou ainda de relatos de experiências que sirvam de base para a elaboração de novos modelos.

Antes de falarmos sobre como o cinema pode ser usado para ilustrar assuntos específicos em sala de aula, preferimos concentrar nossos esforços numa das inúmeras formas possíveis de educar os alunos para o audiovisual. Trabalhar com diversos tipos de linguagem e diferentes culturas audiovisuais mostrou-se ser uma forma eficaz de estimular o gosto dos alunos pelo cinema e pelo vídeo, concedendo-lhes os meios para discutir esses modos de expressão e relacioná-los à sua vida e às relações sociais.

Seria impossível falar da relação entre mídia-educação e cinema sem a articulação e a integração dos diversos meios que caracterizam o cinema, que interagem com ele e que

contribuem para sua hibridização, como internet, fotografias, vídeo, música, literatura. Trabalhar o cinema como uma mistura de diversas modalidades artísticas contribui para a compreensão dos alunos do cinema como arte, linguagem, texto, produto: o cinema deixa de ser caracterizado como puro entretenimento e passa a ser visto como uma representação da realidade do próprio sujeito. Um dos diferenciais do nosso projeto é transcender o cinema como meio, utilizando-o como um dos principais instrumentos educacionais, estendendo-o a outros tipos de linguagem audiovisual, especificamente o videoclipe.

Dessa forma, podemos listar basicamente os princípios e elementos do projeto para trabalhar o cinema na educação da seguinte maneira: relação do cinema com outros meios e contextos; relação do cinema com outras obras audiovisuais; exibição de filmes de diferentes gêneros, de linguagem rica e diversificada; interpretação e discussão dos filmes exibidos, salientando novas possibilidades de ver e compreender, exercendo um paralelo entre as questões salientadas nos filmes e o conhecimento de outras disciplinas (bem como questões da existência humana), além de trabalhar as sensações provocadas pelos filmes; elucidação, durante a exibição dos filmes e a construção das obras dos alunos, a técnica e a linguagem específicas do cinema, salientando sua forma própria de narrativa; experimentação da produção de vídeos e de suas etapas, desde a ideia inicial e elaboração de um roteiro básico até a filmagem e edição; registro e avaliação das experiências durante toda a execução do projeto; exposição do material desenvolvido para discussão com outros alunos.

Por fim, saliento a importância de esforços compartilhados de diversas disciplinas no desenvolvimento audiovisual dos alunos. Não há como negar a integração dos diversos meios na sociedade contemporânea, pautada pelo desenvolvimento tecnológico e pelo domínio dos meios de comunicação. É preciso pensar, portanto, na capacitação de profissionais para que consigam lidar com diferentes meios tecnológicos e saibam ressignificá-los, atribuindo-lhes funções educativas que ultrapassem a obviedade e contribuam para a compreensão do cinema como pertencente à instância educativa, cultural, estética, psicológica e social. Além disso, é preciso ressaltar a necessidade de se continuar pesquisando e aprimorando essa metodologia, validando sua aplicação em outros contextos e realidades. Quanto mais as escolas tentam competir com a mídia, mais elas se tornam anacrônicas e desinteressantes para os alunos. Em vez de continuarmos lutando com a imagem, precisamos promover uma "alfabetização" da imagem.

Beyond the use of cinema in education: an interdisciplinary project with 7th–8th grade students in Brazil

Abstract – This article deals with the importance of cinema in education and the development of methodologies that connect theory and practice in order to amplify the critical consciousness in students with regard to images.

We present an interdisciplinary project and methodology considering education *with, for and on* cinema. The starting point of the work methodology, constructed in the course of the project, was the students feedback and their manifested needs. We concluded that Brazilian National Curricular Parameters (PCN) fail to offer a solid base knowledge to use cinema in classrooms and that teaching using cinema is a very strong referential system to develop the critical consciousness of the people.

Keywords: education, cinema, videoclip, methodology, teaching project.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ALMEIDA, M. J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.

AUMONT, J.; MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico do cinema*. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2003.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Obras escolhidas*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1, p. 165-196.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998a.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998b.

CORRA, Lola, corra. Direção: Tom Tykver. Produção: Stefan Arndt. Intérpretes: Franka Potente, Moritz Bleibtreu, Herbert Knaup e outros. Roteiro: Tom Tykwer. Música: Reinhold Heil, Johnny Klimek, Franka Potente e Tom Tykwer. Alemanha: Sony Pictures, 1999. 1 DVD (81 min), color., widescreen.

DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ELA disse adeus. Direção: Andrucha Waddington, Breno Silveira e Toni Vanzolini. Música: Paralamas do Sucesso. Rio de Janeiro: EMI, 1998. (4 min), color.

FABRI, E. H. Cinema e educação: um caminho metodológico. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2008.

FANTIN, M. *Média-educação, cinema e produção audiovisual na escola*. In: VI ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. NP Comunicação Educativa. 2006.

FELIPE, M. A. *Cinema e educação: interfaces, conceitos e práticas docentes*. 2006. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2006.

FISCHER, R. M. B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 93-102, jan./abr. 2009.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manoela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.

KLAMMER, C. R. et al. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 3., 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872-882.

LEAVE before the lights come on. Direção: John Hardwick. Música: Arctic Monkeys. Londres: Domino Records, 2006. (4 min), color.

LOUREIRO, R.; DELLA FONTE, S. S. *Indústria cultural e educação "em tempos pós-modernos"*. Campinas: Papirus, 2003.

MANUAL prático de fotografia pinhole. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/cfalieri/index.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

OLIVEIRA, B. J. de. Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, Suppl. 0, p. 400-410, out. 2006.

SILVA, R. P. *Cinema e educação*. São Paulo: Cortez, 2007.

THE PERVERT'S guide to cinema. Direção: Sophie Fiennes. Roteiro e narração: Slavoj Žižek. Inglaterra: 2006. Amaeba Film, Kasander Film Company, Lone Star Productions, Mischief Films. 1 DVD (150 min), color., widescreen.

TONIGHT, tonight. Direção: Jonathan Dayton e Valerie Faris. Música: Smashing Pumpkins. Chicago: Virgin Records, 1996. (4 min), color.

VIAGEM à Lua. Direção: George Méliès. Quinze Filmes de George Méliès. França: Cult Classic, 1990. 1 DVD, p&b.

ŽIŽEK, S. *Como ler Lacan*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.